



OS RECORRENTES DESAFIOS E AS REAIS PERSPECTIVAS DA CARCINICULTURA MARINHA BRASILEIRA

ITAMAR ROCHA

Os equívocos do governo brasileiro (Mapa e MPA), que vem contribuindo para colocar em risco um dos setores mais estratégicos, camarão marinho cultivado, do agronegócio da Região Nordeste do Brasil, pelas equivocadas autorizações de importações de camarões cultivados, de países com histórico de doenças virais e bacterianas, de notificação obrigatória pela WOAH (OIE), trazendo insegurança, afastan-

do investidores e apoios financeiros.

Nesse contexto, merece chamar a atenção, o fato de que, em 2003, o Brasil produziu (90.190 t) e exportou (58.455 t), mais camarão cultivado do que o Equador (78.500 t / 58.011 t), ocupando a liderança mundial de produtividade (6.083 kg/há/ano) e, a liderança das exportações de camarão cultivado das Américas, bem como, o 1º lugar das importações de camarão pequeno médio dos EUA, o 2º lugar

das exportações do setor primário da Região Nordeste e o 1º lugar (55%) das exportações do setor pesqueiro brasileiro. Assim como, em 2004, ocupou o 1º lugar das importações de camarão tropical da União Europeia, chegando a se destacar como o mais promissor segmento produtivo da Região Nordeste (FGV /Grupo Monitor, 2002).

No entanto, o que se verificou entre 2004-2024, foi uma tentativa de desmonte dessa atividade tão promissora, que utilizando as abundantes águas marinhas, estuarinas, salobras e oligohalinas, de uso insignificante, inclusive, impróprias para o consumo humano, sem depender de chuvas e sem ciclos de produção definidos, não recebeu os apoios necessários, mesmo contribuindo para o estabelecimento de uma nova ordem econômica, criando vida com dignidade, inclusive no semiárido nordestino, na sua maioria, composta por micros e pequenos (85%) produtores, que sem qualquer investimento público, está promovendo a reversão do seu famigerado êxodo rural.

Nesse sentido, para uma melhor avaliação da importância do camarão

cultivado, para a transformação das desigualdades rurais do Nordeste, em oportunidades de negócio, emprego e renda, se apresenta uma análise comparativa, do desempenho das “exportações do Agronegócio” de “10 Estados (RO, CE, PE, AL, AM, RN, RJ, AP, PB e SE)” do Brasil (2.389.456 km²; 2.913 km de Costa e US\$ 5.867.930.113,00), em comparação com as exportações (US\$ 6.068.447.480,00), apenas de camarão cultivado, do Equador (256.370 km² e 600 km de costa), em 2024.

Por outro lado, quando se considera que a China, maior produtora de camarão marinho extrativo e 2º produtora mundial de camarão cultivado, já ocupa a liderança das importações mundial setorial (916.597 t / US\$ 6,0 bilhões), seguida pelos EUA (762.804 t / US\$ 6,0 bilhões), UE (376.868 t / US\$ 3,9 bilhões e Japão (207.082 t / US\$ 2,0 bilhões), fica evidente a importância e as oportunidades que se descortinam para o Brasil, em cuja Região Nordeste, que conta com razoável infraestrutura, energia elétrica, eólica, solar e, uma posição geográfica privilegiada, se produz (99%) do camarão cultivado do Brasil, com condi-

ções de competitividade inigualáveis.

No entanto, o que se verificou entre 2004-2024, foi uma tentativa de desmonte dessa atividade tão promissora, que utilizando as abundantes águas marinhas, estuarinas, salobras e oligohalinas, de uso insignificante, inclusive, impróprias para o consumo humano, sem depender de chuvas e sem ciclos de produção definidos, não recebeu os apoios necessários, mesmo contribuindo para o estabelecimento de uma nova ordem econômica, criando vida com dignidade, inclusive no semiárido nordestino, na sua maioria, composta por micros e pequenos (85%) produtores, que sem qualquer investimento público, está promovendo a reversão do seu famigerado êxodo rural.

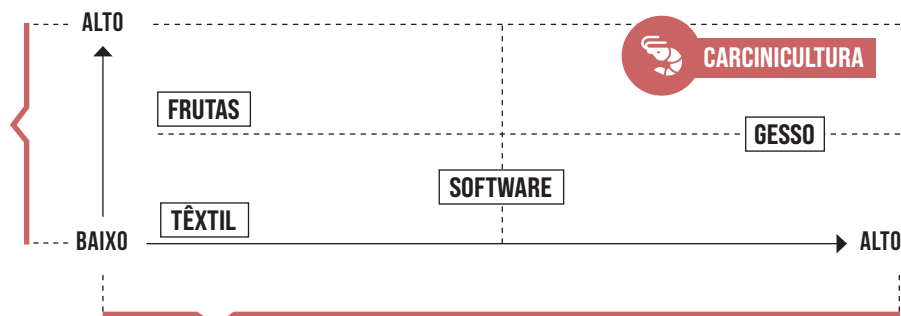
Nesse sentido, para uma melhor avaliação da importância do camarão cultivado, para a transformação das desigualdades rurais do Nordeste, em oportunidades de negócio, emprego e renda, se apresenta uma análise comparativa, do desempenho das “exportações do Agronegócio” de “10 Estados (RO, CE, PE, AL, AM, RN, RJ, AP, PB e SE)” do Bra- ►

CLUSTER

MATRIZ DE PRIORIZAÇÃO - PONDERAÇÃO QUANTITATIVA

IMPACTOS DOS RESULTADOS

- Gerar empregos
- Gerar renda
- Aumento de exportações
- Atrair outras empresas
- Atrair investimentos
- Modelos para outros clusters



NÍVEL DE COMPROMETIMENTO

- Ação
- Aprendizagem
- Cooperação
- Financeiro
- Desejo Político

Fonte: SUDENE/Ministério Interior (Fundação Getúlio Vargas e Grupo Monitor, 2002)

sil (2.389.456 km²; 2.913 km de Costa e US\$ 5.867.930.113,00), em comparação com as exportações (US\$ 6.068.447.480,00), apenas de camarão cultivado, do Equador (256.370 km² e 600 km de costa), em 2024.

Por outro lado, quando se considera que a China, maior produtora de camarão marinho extrativo e 2º produtora mundial de camarão cultivado, já ocupa a liderança das importações mundial setorial (916.597 t / US\$ 6,0 bilhões), seguida pelos EUA (762.804 t / US\$ 6,0 bilhões), UE (376.868 t / US\$ 3,9 bilhões e Japão (207.082 t / US\$ 2,0 bilhões), fica evidente a importância e as oportunidades que se descortinam para o Brasil, em cuja Região Nordeste, que conta com razoável infraestrutura, energia elétrica, eólica, solar e, uma posição geográfica privilegiada, se produz (99%) do camarão cultivado do Brasil, com condições de competitividade inigualáveis.

Na verdade, o momento atual da carcinicultura marinha mundial, cujo continuado crescimento, com base nos avanços da genética, dos benefícios do uso de probióticos, prebióticos e simbióticos, aliado aos reais avanços nutricionais e manejos operacionais, com o uso de IA (Inteligência Artificial), que está se expandindo, desde o processo de arraçamento à despesca, beneficiamento e agregação de valor aos camarões processados, está exigindo cada vez mais, a necessidade de integração entre: ciência, tecnologia e expertise.

Por isso, consciente da importância da carcinicultura brasileira e confrontado com a intempestiva decisão de liberação pelo Brasil, das importações de camarão cultivado do Vietnã, cujos riscos sanitários decorrentes, no que se refere à real introdução de agentes patogênicos exóticos no Brasil, a ABCC, se posiciona frontalmente contrária, pois há décadas, o Brasil vem construindo uma cadeia produtiva, baseada em rigorosos critérios de biossegurança e exclusão de patógenos exóticos, um status essencial para a sua sustentabilidade e proteção dos ecossistemas naturais.

Notadamente, porque o Vietnã, embora reconhecido como um grande produtor de camarão, convive com a ocorrência frequente de vibrioses e viroses, que não ocor-

BRASIL X EQUADOR

DADOS DAS EXPORTAÇÕES (US\$) DO AGRONEGÓCIO DE 10 ESTADOS DO BRASIL, COMPARADO COM AS EXPORTAÇÕES DE CAMARÃO CULTIVADO, DO EQUADOR, EM 2024



Estados	Extensão territorial (km ²)	Km de costa	Valor (US\$)
Rondônia	237.598	-	2.567.712.427
Ceará	148.920	573	523.454.841
Pernambuco	98.149	187	804.273.161
Alagoas	27.848	229	705.386.120
Amazonas	1.559.146	-	304.489.473
Rio Grande do Norte	52.811	410	319.394.735
Rio de Janeiro	43.780	636	220.197.998
Amapá	142.828	598	141.414.588
Paraíba	56.469	117	107.095.061
Sergipe	21.915	163	174.511.709
10 Estados brasileiros	2.389.456	2.913	5.867.930.113

Equador (1.211.645 ton) 256.370 600 6.068.447.480

Fonte: Agrostat, fevereiro/2025; Câmara Nacional Aquicultura - Equador/2025

rem no Brasil: AHPND/EMS – Síndrome da Mortalidade Precoce, YHV – Vírus da Cabeça Amarela, etc, que não ocorrem no Brasil. Mas cuja introdução, causarão impactos sanitários devastadores e irreversíveis.

Pois mesmo se importados na forma de filé, em estado congelado, esses camarões representarão sérios riscos sanitários, uma vez que vírus/vibrioses, sobrevivem ao congelamento, contaminando ambientes através do descarte dos resíduos, efluentes ou manipulação indevida do produto. Inclusive, afetando os crustáceos nativos, desde os siris às lagosta, que são altamente vulneráveis a doenças exóticas.

Pelo que, a introdução de patógenos exóticos no Brasil pode acarretar: Perda de plantéis e prejuízos di-

retos à produção comercial; Aumento de custos com tratamentos e reforço sanitário; Danos ecológicos severos e irreversíveis aos ecossistemas costeiros, com redução da biodiversidade marinha e prejuízos à sua importante pesca artesanal e industrial de crustáceos. Além disso, o setor de carcinicultura nacional contribui com milhares de micros e pequenos negócios, empregando 135.000 trabalhadores na Região Nordeste, sendo estratégica para a economia azul brasileira. ■

Itamar Rocha, Engº de Pesca (1ª Turma do Brasil), CONFEA, Presidente da ABCC, Diretor do DEAGRO/FIESP; Membro Titular do CONAPE; Membro Titular da CSPA/MAPA